



# *A barca virou:* o jogo musical das crianças

Teca Alencar de Brito

Universidade de São Paulo (USP)  
tecadebrito@usp.br

**Resumo.** Considerando características próprias às relações das crianças com o fazer musical, bem como o caráter lúdico que o norteia, o artigo apresentará atividades que envolvem improvisação, criação, construção de instrumentos musicais e registro gráfico, a partir de uma brincadeira musical portuguesa. *A barca virou*, uma roda com nomes, é o fio condutor do trabalho, que objetiva apontar caminhos e possibilidades para o desenvolvimento de práticas musicais criativas e reflexivas no contexto da educação musical com crianças entre três e seis anos.

**Palavras-chave:** crianças; jogo musical; educação musical.

**Abstract.** Considering characteristic about the relations of the children with the musical experiences, as well as, the playful character that guides it, the article will present activities that, from a Portuguese musical game, involve improvisation, creation, construction of musical instruments and graphical register. Taking as conducting wire *A barca virou*, a Portuguese musical game, the text goals to aim ways and possibilities with respect to the development of creative and reflexive musical practices, on the music education of children between three and six years.

**Keywords:** children; music game; music education.

## Introdução

### *A barca virou*

Tradicional portuguesa

A barca virou,  
Deixá-la virar  
A menina Lucia  
Não sabe remar



Esse brinquedo musical português – como tantos que circulam pelo mundo – integra as crianças em torno da música enquanto fortalece vínculos que devem nortear as relações humanas em todos os espaços de convivência, incluindo os da educação.

Brincando as crianças apreendem aspectos musicais de ordens diversas, relativos à percepção de alturas, de ritmos, de estruturas formais, caráter etc.

Convidando a cantar, a sugerir e realizar movimentos, gestos e ações, *A barca virou* une corpo e mente; sujeito e coletivo; repetir e inventar... Girando, ou no lugar, cada criança deverá executar a ação acenada, contrariando, assim, a afirmativa da canção.

Iniciei o trabalho com essa brincadeira com o intuito de, com ela, tecer tramas entre o *fazer musical* das crianças – dos três aos seis anos – e o seu acontecimento nos territórios da educação. *Fazer musical* entendido nas dimensões de escuta e produção, na integração que resulta em *pensamento musical*; como jogo que dispara sensações e percepções, criando “linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 1996) que dimensionam expressivamente o viver; jogo em contínuo e dinâmico movimento, vivamente presente no curso da infância, quando vida e arte ainda se confundem e a inteireza que caracteriza o ser humano transparece intensamente.

## Sobre as crianças e a música

Crianças são seres brincantes, musicais, receptivos à energia que emana das forças sonoras. Conectando a escuta (do entorno, de sonoridades e obras musicais diversas) e os gestos produtores de sons – vocais, corporais ou com materiais diversos –, o *fazer musical* infantil integra uma gama de possibilida-

des: cantar, tocar, movimentar-se, desenhar e registrar sons, improvisar etc.

Se características que marcam cada etapa do desenvolvimento tendem a padronizar as condutas musicais, é necessário considerar a presença dos “ruídos”, ou seja, das interferências que singularizam cada percurso.

A trajetória de cada ser humano é única, e esse fato deve ser reconhecido e valorizado no contexto da educação.

No decorrer da primeira infância, as crianças sonorizam “sensações, percepções, pensamentos... regidos (ainda) pela unidade, pelo todo, pelo sonoro. A experimentação se sobrepõe à técnica dirigida e fazer música é uma questão de vontade, de desejo, de conquista” (Brito, 2007, p. 83).

Aos três ou quatro anos de idade, o jogo musical valoriza aspectos de ordem qualitativa, referentes à potência das sonoridades, à exploração dos materiais e dos sons resultantes. Tocando piano ou xilofone livremente, para ilustrar, importa pesquisar gestos que intuem e também imitam, variando intensidades, alturas, densidades etc. A improvisação é, nessa fase, o modo musical por excelência.

Em um movimento contínuo e dinâmico, no entanto, as crianças se encaminham ao “aprender” que envolve repetir, estabilizar, fixar... , conscientizando o fato de que uma melodia, exemplificando, atém-se a uma ordem determinada, lembrando aqui um dos muitos aspectos.

Muitas mudanças acontecem entre os três e os seis anos de idade: as habilidades motoras finas se aperfeiçoam, a linguagem se aprimora, a sociabilidade se desenvolve e tem início a aprendizagem da leitura e da escrita, dentre outros pontos (Unicef, 2005). Mas não custa lembrar que cada processo é único e varia segundo características individuais, gênero, condições de vida, organização familiar, cuidados proporcionados e sistemas educacionais.

A apreensão intuitiva, fundada na observação, na repetição e na imitação, na vivência, enfim, tem importância significativa nos primeiros anos de vida, o que não implica, obviamente, ausência de reflexão. As crianças fazem-pensando, assim como pensam-fazendo, vivendo – na inteireza – o modo humano de ser, de se expressar, de construir e compartilhar conhecimentos.

É importante que os territórios da educação agenciem o acontecimento do jogo musical infantil. Escutando, respeitando e caminhando junto com as crianças, facilitaremos o encaminhamento das experiências para planos mais complexos e sempre plenos de sentido.

### De volta à *Barca*

É um lugar-comum discorrer sobre a importante presença da música da cultura infantil tradicional na etapa dos três aos seis anos (e também antes, depois e sempre, não custa lembrar!).

As rodas com nomes – que destacam cada criança enquanto a integram em um grupo – têm grande valor. E apesar de contarmos com um bom número delas (*Bambu, Tango tango, A canoa virou...*), optei por uma opção portuguesa, ampliando, assim, o repertório e o universo cultural das crianças.

*A barca virou* cria pontes que adentram em outros mundos. Aproxima-nos de Portugal e de questões que podem emergir: o encontro com parte de nossas origens; a questão do idioma; os pontos comuns (ou distintos) com a brasileira *A canoa virou*; o ritmo e, enfim, com diferenças e semelhanças que nos unem como seres humanos.

#### Para conhecer mais:

ALMEIDA, M. B. de; PUCCI, M. D. *Outras terras, outros sons*. São Paulo: Callis, 2002.

BEINEKE, V.; FREITAS, S. P. R. de. *Lenga la lenga: jogos de mãos e copos*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006.

JIMÉNEZ, O. L. *Ronda que ronda la ronda*. Bogotá: Panamericana Editorial, 1999.

MARTINS, M. de L. *Canções tradicionais infantis*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

MELO, V. de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

#### CDs:

*Abra a roda tin do lê lê e Ôh, Bela Alice* – Lydia Hortélio.

*Canto do povo daqui* (1997); *Cantos de vários cantos* (1999); *Música pra todo lado* (2003) e *Um bolo... musical* (2006) – Teca Oficina de Música.

*O trem maluco e outras cantigas de roda* – Hélio Ziskind. MCD.

*Pandalelé* – Laboratório de Brincadeiras – UFMG. Selo Palavra Cantada.

### Navegando em outros mares: redes de realizações musicais

Nossa “barca” pode “aportar em muitas praias”, favorecendo a emergência de atividades musicais diversas. Ciente de que o “oceano” é muito grande, apontarei algumas, lembrando:

a) a importância de criar e recriar suas próprias tramas, movido(a) pelas necessidades e interesses das crianças em questão. Como nos ensinou o compositor alemão Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), o(a) educador(a) deve estar sempre atento(a) para “apreender do aluno o que ensinar”.

b) que *A barca virou* é – nesse contexto – meio e fim, texto e pretexto. Nesse sentido, as propostas que seguem sinalizam trajetórias e possibilidades, conectando atividades que poderão ser realizadas em outras e distintas situações.

**H-J Koellreutter** chegou ao Brasil em 1937, fugindo do nazismo. Personalidade importante no cenário musical e cultural brasileiro, apontou a necessidade de revisar posturas e procedimentos em educação musical. Considerando que a improvisação poderia ser uma ferramenta pedagógica, Koellreutter também propôs um projeto pedagógico visando à formação integral do ser humano, para além dos aspectos musicais.

**Para conhecer mais:**

BRITO, T. A. de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

\_\_\_\_\_. *Criar e comunicar um novo mundo: as ideias de música de H-J Koellreutter*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

KATER, C. E. (Org). *Cadernos de Estudo: educação musical n. 6*. São Paulo: Atravez; Belo Horizonte: EMUFG/FEA/FAPEMIG, 1997.

\_\_\_\_\_. *Música Viva e H.J.Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa Editora: Atravez, 2001.

“Navegaremos” um pouco por possíveis “mares musicais”, sugerindo desdobramentos que incluem a improvisação.

É importante lembrar que a **improvisação**, nos territórios da educação musical, transforma qualitativamente os modos de lidar com o sonoro e musical, ampliando as capacidades de perceber, de escutar, de realizar e de refletir sobre tal fazer. Importa destacar, igualmente, que a ideia da improvisação deve ser ampliada quando pensamos em sua inserção na educação musical infantil.

Segundo Rogério Costa (2003, p. 27), a improvisação é “um fazer musical com características específicas, onde muitas linhas de força convergem”, englobando fatores de ordem social, cultural, pessoal e próprios ao grupo, exigindo um estado de prontidão, um estar inteiro, com corpo e mente, no ato do acontecimento.

A improvisação como modo de realização musical se aproxima do pensamento musical infantil que prioriza o permanente movimento, em lugar da estabilidade do produto musical.

No curso da experiência, com a dinâmica transformação da consciência e também por força dos modelos que apreende e aprende nas aulas de música, as crianças internalizam as características de estabilidade do fato musical e, não raro, deixam de improvisar e de criar, enfim. É essencial, também por isso, que o relacionamento com a música inclua e estimule a criação, em todas as instâncias!

**Para saber mais:**

BRITO, T. A. de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

COSTA, R. L. M. *O músico enquanto meio e os territórios da livre improvisação*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

GAINZA, V. H. de. *La improvisación musical*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1983.

### Sugestões de atividades

I – Sonorizar, com sons vocais ou corporais, as ações ou movimentos propostos (girar, pular, marchar etc.)

1) Depois de brincarem bastante, inicie essa nova etapa pedindo às crianças que apresentem sons vocais e corporais que sabem fazer e também que inventem outros. Pesquisem e experimentem juntos, estimulando a percepção e a escuta, a observação e a criatividade, ampliando, assim, o repertório de sons corporais (sem mencionar *A barca virou*). Palmas de vários tipos, batidas de sons com os pés, estalos, ruídos vocais etc., podem disparar muitas outras descobertas!



2) Proponha que cada criança escolha seu *gesto sonoro*, de preferência diferente das outras. A partir daí, passem ao jogo do improvisar estabelecendo critérios e combinados (regência, entradas e saídas, *solos* e *tuttis*, variações de intensidade etc.). As crianças também podem reger, especialmente as mais velhas. É possível realizar variações diversas, importando, obviamente, que estejam adequadas a cada grupo. Nesse sentido, considere a idade das crianças, com atenção às diferenças que as singularizam e se revelam no repertório de sons conquistados, na concentração para improvisar, na forma resultante, dentre outros aspectos.

Se possível, grave o trabalho para escutar e comentar com as crianças, o que é sempre significativo. Muitas questões poderão emergir e a análise conjunta também enriquecerá o conhecimento musical das crianças.

3) Após o “mergulho” no território dos sons corporais, retorne à brincadeira, substituindo os movimentos por sons. Sugestões:

**a)** a criança chamada traduz sonoramente (com sons vocais ou corporais) a ação citada (correr, pular etc.), sendo imitada por todos, na sequência. Ajude-as, se necessário.

**b)** o grupo escolhe previamente as ações e as sonoridades correspondentes. Ao ouvir seu nome e uma ação (girar, como exemplo), a criança deverá realizar o som combinado. Nesse caso, convém limitar o número de opções listadas, para não dificultar.

**c)** divida o grupo em duas turmas: uma sonorizará as distintas ações (cada criança ficando responsável por uma ou duas) e a outra realizará os movimentos (respeitando o combinado inicial, de responder quando ouvir seu nome). Desse modo, se cantarem Menina Renata não sabe pular, a Renata pulará enquanto outra(s) criança(s) sonorizará(ão).

Se o grupo for grande, alguns poderão se encarregar de cantar a primeira frase da canção, acompanhando com percussão corporal ou com instrumentos de percussão. A frase seguinte (*A menina Alice não sabe rodar*) ficará a cargo do educador(a) ou mesmo das crianças, caso já possam se organizar para tal.

Além de boas oportunidades para o desenvolvimento de atividades com sons vocais e corporais (com as crianças menores, de três anos e também com as maiores), dentre outras possibilidades, as sugestões apresentadas (como tantas outras ideias que podem emergir no curso do processo) permitem que o(a) educador(a) observe e avalie aspectos de ordens diversas, envolvidos no trabalho: a concentração para escutar e fazer; a disposição para criar e/ou para repetir algo; a experiência e os conhecimentos musicais que as crianças já trazem consigo, o senso rítmico e melódico etc.

Conhecendo melhor as crianças com quem trabalhamos, enriqueceremos e aprofundaremos as relações com cada uma, bem como com o grupo, facilitando o acontecimento de experiências musicais efetivas e significativas.

Mais importante, volto a frisar, é criar os próprios jogos, as próprias tramas, junto com as crianças, inclusive. Será deveras verdadeiro e significativo!

**Para saber mais sobre música corporal:**

[www.barbatuques.com.br](http://www.barbatuques.com.br)

**CDs do grupo Barbatuques:**

*Corpo do som*, 2002, MCD.

*O seguinte é esse*, 2005, MCD.

**DVD:**

*Corpo do som ao vivo*, 2007, MCD.

### II – Sonorizar as diferentes ações propostas na brincadeira com instrumentos musicais.

Caso não contem com eles, aproveitem para fazer alguns:

- Com caixas de papelão duro ou com latas de diferentes tamanhos é possível produzir os tambores mais simples! Basta encontrar as baquetas (que um par de “palitos chineses” com rolhas presas na ponta resolve) e sair tocando!
- Utilizando bexigas (ou balões) para cobrir a borda da lata, os tambores contarão com uma membrana. Nesse caso, escolha as mais resistentes, verificando a compatibilidade (bexigas muito pequenas não cobrem a boca de uma lata







de Nescau, por exemplo), cortem a parte afunilada e estiquem-na bastante na borda, prendendo com fita crepe ou durex colorido.

- Latas, potes plásticos de iogurte, ou de Yakult etc., podem se transformar em maracas ou chocalhos (com pedrinhas, areia, grãos... em seu interior).
- Papelões ondulados transformam-se em reco-recos, podendo ser colados em tubos de papelão (de papel gordura, por exemplo) enquanto que algumas garrafas PET onduladas são espécies de reco-recos que já vêm prontos! Basta providenciar uma baqueta!
- Se as crianças puderem decorar seus instrumentos, tanto melhor, lembrando que o importante é que a produção esteja o mais perto possível da capacidade de confecção de cada uma delas. Os adultos devem ajudar no que for preciso, sem fazer por elas, no entanto. Por isso, convém confeccionar coisas simples!
- Elásticos de prender dinheiro colocados em volta de uma caixa de papelão firme (aberta, de preferência) transformam-na em um instrumento de cordas. Será possível constatar, com as crianças, que quanto mais esticado o elástico, mais agudo é o som produzido (e vice-versa).



- Com um tubo de conduíte (usado para conduzir e proteger fios de eletricidade) é possível fazer uma “trompa”. É só enrolar o tubo (cerca de um metro) no formato do instrumento, prender com fita crepe e colocar algo na ponta para funcionar como uma campainha (um cone de papelão, de plástico ou feito de cartolina, um funil etc.). Expirando e inspirando no bocal descubram diferentes sonoridades.



### III – Contando com a imaginação, *A barca virou* pode levar a outros mares!

Dediquem-se a imaginar os motivos que levaram “o barco a virar”: alguém que não soube remar, a mudança do tempo, uma onda enorme que surgiu de repente etc. E mais: quem estaria na barca e por quê; era dia ou noite etc. Deixe que as crianças imaginem, fantasiem, criem hipóteses de ordens diversas (das mais realistas às mais fantásticas!)

**Confeccionar instrumentos e objetos sonoros** com as crianças é – também – um modo de conscientizar questões referentes aos parâmetros do som: por que produzem diferentes alturas, por que um chocalho com pedrinhas tem um timbre diferente de um com arroz, para que serve uma caixa de ressonância, dentre outros pontos. Além disso, as crianças refazem, à sua maneira, a trajetória do ser humano no que tange à criação de meios para se expressar musicalmente, aspecto que considero da maior importância.

**Para saber mais:**

AKOSCHKY, J. *Cotidífonos*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1996.

BRITO, T. A. de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

DREW, H. *O meu primeiro livro de música*. Trad. Lucinda Maria dos Santos Silva. Porto: Livraria Civilização Editora, [s.d.].

Fale sobre o ambiente sonoro de uma praia, ouvindo as impressões das crianças caso já tenham estado em uma, ou não. Pesquisem materiais para sonorizar a situação definida pelo grupo (com sons do corpo, objetos do entorno, instrumentos musicais do acervo ou aqueles construídos por vocês...), explorando gestos e modos de produção sonoras (bater, raspar, sacudir, alisar, pinçar etc.), muito importantes nessa etapa do desenvolvimento.

Procure gravar e escutem juntos o resultado, comentando os aspectos percebidos, os pontos positivos ou negativos, as sonoridades produzidas etc. Peça então às crianças para desenharem a história musical, criando uma espécie de audiopartitura registrando o acontecimento sonoro, com a forma, os elementos contrastantes, as diferentes intensidades etc.

As menores, não “capturadas” – ainda – pelo desenho figurativo, tenderão a utilizar o espaço do papel de modo global, registrando suas impressões por meio de gestos grandes, variando a intensidade, a cor, os climas sonoros. As maiores talvez se dediquem a desenhar a situação: o mar, o barco, o sol ou a chuva, não importa. Nesse caso, é possível propor as duas coisas: desenhar a situação sonorizada e as sonoridades percebidas pelo ouvir (pontilhismos, linhas em movimento, traços fortes ou suaves, rarefeitos ou densos etc.).

### Ancorando

É essencial que o trabalho com a música, nos planos da educação, se atualize em planos de convivência e comunicação marcados por um efetivo compartilhar. “Tive uma boa ideia!”, como exemplo, é uma frase que ouço muitas vezes, repetida pelas crianças com quem trabalho. Saberem que podem opinar, contribuir e construir juntas um percurso é importante e, de fato, faz toda a diferença.



Juntos, podemos estimular reflexões acerca das sensações, das percepções, das vivências, motivando também a elaboração de conceitos.

Em espaços nos quais se sentem participantes ativas, para além da mera repetição, as crianças reorganizam as experiências integrando fazer e pensar, repetir, criar e recriar. Assim também constroem conhecimentos.

Importa que a música, nos territórios da educação, seja trabalhada em sua condição de jogo que permite trocas: consigo próprio, com o outro, com o ambiente.

A conexão entre a escuta e o gesto – com o corpo em sua totalidade, na superação do dualismo corpo-mente – singulariza a reinvenção da música por cada ser humano, em uma espécie de jogo que se transforma permanentemente, conduzindo as experiências para níveis mais complexos e elaborados; reorganizando, assim, a ideia de música em si mesma.

Como educadores(as) precisamos escutar, dispostos a abrir caminhos, a caminhar juntos, a brincar e a chamar a felicidade, enfim.

### Referências

BRITO, T. A. de. *Por uma educação musical do Pensamento: novas estratégias de comunicação*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*: vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção TRANS).

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). *Crianças de até 6 anos: o direito à sobrevivência e ao desenvolvimento: situação da infância brasileira 2006*. Brasília, 2005.